



BIBLIOTECA ESCOLAR ADÃO CAMPOS - E@D



LIVRO do MÊS de JUNHO



não paramos
ESTAMOS ON
Saiba mais em eportugal.gov.pt

Centro de Contacto Cidadão 300 003 990
Centro de Contacto Empresas 300 003 980



A BE Adão Campos recomenda



“As nossas mãos ficaram juntas uns segundos, séculos, férias, milénios. Ela estava a limpar o pó, eu a colocar um livro na estante. (...) Senti uma felicidade estranha, como se nunca a tivesse experimentado em nenhuma das suas variantes (...)”.

Será possível medir a felicidade? E quanto tempo pode esta durar? Uma hora, mais ou menos tempo? Um toque de mãos pode determinar a nossa vida, a nossa felicidade?

“O Princípio de Karenina” relata-nos a carta escrita por um homem à filha que não conheceu, narrando-lhe a sua vida desde a infância. Trata-se de uma carta intimista, apresentada em cinco momentos, marcados sempre por uma fotografia e citações que nos recordam o clássico “Anna Karenina”, de Tolstói. São pequenas paragens que nos obrigam a olhar para dentro de nós mesmos, (re)pensando o espaço, o tempo e a felicidade, onde os segredos mais recônditos da alma são descritos de forma intensa, simples e reveladora: *“Eu seria muito infeliz num mundo feliz. Ela seria feliz em qualquer mundo. Esta história, a minha e da tua mãe, é também a tua”.*

A narrativa começa no seio familiar, onde o protagonista evidencia a forma como o seu pai revelava o pânico visceral face ao mundo desconhecido: *“O meu pai chamava bárbaros a todos os que viviam fora da nossa casa, os gregos chamavam bárbaros aos que não eram gregos”.* Uma aversão ao estrangeiro, ao desconhecido, um medo de que alguma coisa pudesse ameaçar a segurança ou a vida de alguém – a sua própria vida. Um pai que *“era um afasta-tudo, enquanto o amor é o contrário disso”.*

A vida, tal como o crescimento, é composta de encontros e desencontros, de tensões e contradições. Assim, onde reinavam o medo e os preconceitos habitava também o amor – *“a pessoa que mais amava naquela casa A minha mãe”.* A mãe que lhe acaricia o pé deformado, como quem lambe feridas e incita uma perfeição que não existe. A mãe: símbolo do feminino, do afeto e da conciliação.

Um dia, o seu pai morre. Desprevenido. *“Quando voltámos a casa, depois do enterro, subi à figueira da entrada da propriedade. Creio que, nessa altura, pensava ainda na morte como um espaço físico que é possível vislumbrar como qualquer paisagem banal. O que vi nesse dia, do cimo da figueira da entrada da propriedade, foi uma visão feliz. Concluí nesse momento que as melhores paisagens são feitas de pessoas. E melhor do que as pessoas são os amigos”.* Com a morte do pai, a casa é inundada com um cheiro que, mais tarde, trará a mudança.

A Fernanda da Farmácia foi a descoberta do *“coração aos pulos”*, dos *“arrepios pelo corpo, os lábios cada vez mais perto, uma eternidade mais perto, os pêlos dos braços eriçados”*, mas também do desalento. Habitou-se à sua presença serena, amiga da mãe, uma sombra presente para recordar os votos feitos no dia do casamento.

A grande mudança da sua vida dá-se com a chegada da nova empregada. A verdadeira paixão é sentida como nunca, *“já que não era capaz de pensar noutra coisa. Era o amor em botão”.* Conheceu o verdadeiro amor, a verdadeira felicidade que guardou

em segredo, tal como o *“figo é a tal flor que floresce para dentro, em segredo, que não sabe expor-se ou não quer expor-se”*. Nasce assim uma história de amor, com esporádicos momentos de felicidade.

“Princípio de Karenina” nasce de cruzamentos de geografias, identidades, encontros e desencontros, de uma *“viagem ao Vietname e ao Camboja”* com o objectivo de *“encontrar vestígios de nós próprios pelo mundo”*. É um *“encontro de ingredientes de várias proveniências”*, que são simultaneamente *“remédio e alimento”*, tal como os poderes milagrosos da curcuma, que cura *“todas as maleitas”* e *“tingiu a minha vida toda. Não saíra com os anos”*.

É a narrativa de um menino que cresce e se torna homem. Uma história da procura de si mesmo, da felicidade. Uma história intimista, de arrependimento, desilusão e obsessão, onde os momentos fugazes são valiosos para a felicidade. Afinal, o que é isso de ser feliz? Tal como é dito em *“Anna Karenina”*, *“todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”*. Foi assim com o protagonista. É assim com todos nós.

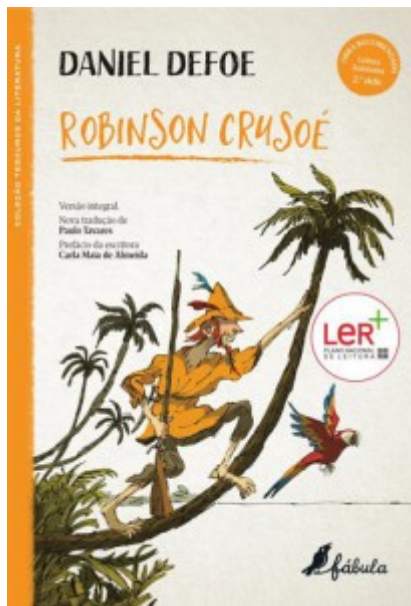
Afonso Cruz é escritor, ilustrador, cineasta, músico. Nasceu em 1971, na Figueira da Foz, e viria a frequentar mais tarde a Escola António Arroio, em Lisboa, e a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, assim como o Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira. Já visitou mais de cinquenta países de todo o mundo. Conquistou vários prémios literários e de ilustração.



É mais um clássico da literatura universal que regressa às livrarias nacionais, agora à boleia da colecção *Tesouros da Literatura* – que, como já vai sendo tradição, chega com uma bonita ilustração na capa e um prefácio assinado por Carla Maia de Almeida.

“**Robinson Crusoe**” (**Fábula**, 2019) é a história de um homem que, nas suas palavras, nasceu para ser o responsável pela sua própria destruição, contrariando sempre “*o modo de vida com que a Natureza e a Providência insistiram em presentear-me e fazer-me aceitar como o meu dever*”, numa luta constante entre a fantasia e a razão.

Ignorando o conselho da família, o problemático inglês Robinson Crusoe deixa o conforto do lar e faz-se à vida de marinheiro onde, depois de uma paragem no Brasil – onde a sorte mais uma vez parece insistir em dar-lhe o braço -, decide prosseguir com as suas aventuras marítimas, acabando por naufragar e chegar a uma ilha aparentemente deserta. Um lugar onde terá de recorrer à perseverança, à paciência, à inteligência e à imaginação para garantir a sobrevivência – bem como à escrita de um diário, que o ajudará a manter a sanidade até que a tinta acabe.



Daniel Defoe faz despertar em Crusoe o sentido prático, obrigando-o a uma aprendizagem forçada, a lidar com a força das circunstâncias, a uma interrogação constante da fé, da consciência e da distinção entre o bem e o mal. Há também uma presença constante da morte, onde os gatos se tornam uma praga e a Bíblia chega a ter a função do Livro das Perguntas.

Finda a leitura, a questão que fica é esta: depois de conhecermos e sobrevivermos à solidão extrema, como conviver com o bulício incessante do mundo? O livro está recomendado como leitura autónoma para o 2º ciclo.